



# Um estudo comparativo entre os metaplasmos presentes na Graphic Novel Pavor Espaciar, de Gustavo Duarte (2013), com base em Amaral (1920) e ALiB (2014)

## A comparative study between the metaplasms present in the Graphic Novel Pavor Espaciar, by Gustavo Duarte (2013), based on Amaral (1920) and ALiB (2014)

Marly Custódio da Silva<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-9059-7175>

**Resumo:** A língua enquanto instituição coletiva e viva está em constante transformação. Isso pode ser percebido por quaisquer pessoas falantes de um idioma, ou seja, as variações linguísticas não são captadas apenas pelos estudiosos da Geolinguística, Dialetologia e Sociolinguística. A estes compete o estudo científico das variantes de uma língua. O primeiro trabalho a tentar mapear o falar considerado como caipira, da pronúncia retroflexa de /r/, dentre outras, é de Amaral (1920/2 ed. 1953). De lá para cá, vários trabalhos e pesquisas culminaram com a publicação do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), em 2014. Dessa forma, estabelecemos paralelo entre a *Graphic Novel Pavor Espaciar*, de Gustavo Duarte, com resultados de Amaral e do ALiB. Para

---

<sup>1</sup> Docente na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: mcsilva05@hotmail.com

tanto, o objetivo é a análise da expressão do dialeto caipira e expor por meio da diacronia os traços da variação linguística no Brasil. As reflexões a respeito da variação linguística são sustentadas na Sociolinguística, e o preconceito linguístico abordado implicitamente por Calvet (2002). A metodologia transcorrerá com as análises diacrônicas dos quadrinhos da *Graphic Novel* citada identificando os metaplasmos, tendo como base Coutinho (1976) e Silva (2010), bem como as observações de Faraco (2006) em relação à percepção de mudança.

**Palavras-chave:** Quadrinho; Dialeto Caipira; Metaplasmos.

**Abstract:** Language as a collective and living institution is constantly changing. This can be perceived by anyone who speaks a language, that is, linguistic variations are not only captured by scholars of Geolinguistics, Dialectology and Sociolinguistics. These are the scientific study of the variants of a language. The first work to attempt to map the talk considered as rustic, of the retroflex pronunciation of /r/, among others, is Amaral (1920/2 ed. 1953). Since then, several works and researches culminated with the publication of ALiB (Linguistic Atlas of Brazil) in 2014. Thus, we established a parallel between Gustavo Duarte's *Graphic Novel Pavor Espaciar*, with results from Amaral and ALiB. To this end, the objective is to analyze the expression of the redneck dialect and expose through diachrony the traces of linguistic variation in Brazil. Reflections on linguistic variation are sustained in Sociolinguistics, and linguistic prejudice implicitly addressed by Calvet (2002). The methodology will proceed with the diachronic analysis of the *Graphic Novel* comics cited identifying the metaplasms, based on Coutinho (1976) and Silva (2010), as well as Faraco's (2006) observations regarding the perception of change.

**Keywords:** Comics; Caipira dialect; Metaplasms.

## Introdução

Todo falante de uma comunidade linguística tem a necessidade de se comunicar e de se identificar com o grupo que os circunda, a língua é uma forma de identificação, aproximação, distanciamento ou até mesmo exclusão de determinados grupos. A língua como forma de exclusão ou distanciamento acontece quando os falantes considerados letrados acreditam que o falar do outro é "feio" ou "errado". Assim, de maneira equivocada acaba por ter a percepção de caracterizar a linguagem do "outro" como incorreto, é o mesmo que não aceitar esse indivíduo como parte da sociedade, é o que acontece na maioria das vezes com o dialeto caipira, ao invés de considerar o dialeto como manifestação de uma cultura de determinado grupo social inserido na diversidade existente de uma língua, esta é rotulada como uma forma engraçada, pejorativa e "errada" de falar. O trabalho pioneiro a tentar mapear o falar considerado como caipira, da pronúncia retroflexa de /r/, dentre outras, é de Amaral (1920/2

ed. 1953). Desde então, vários trabalhos e pesquisas surgiram e culminaram com a publicação do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), em 2014.

Para trabalharmos o dialeto caipira neste trabalho, selecionamos a *Graphic Novel Pavor Espaciar*, de Gustavo Duarte, na qual tem a tentativa de trazer a representatividade do personagem estereotipado como um caipira brasileiro, o Chico Bento. A *Graphic Novel* foi escrita e produzida por um não linguista, mas por uma pessoa escolarizada e urbanizada, com família que vive/mora em área rural do interior de São Paulo, que procura assinalar as possíveis marcas do dialeto caipira da maneira que o percebe.

Deste modo, buscaremos à luz da gramática normativa, a diacronia dos vocábulos que foram selecionados para as análises. Abordaremos processos de metaplasmos - a mudança na estrutura fonética de uma palavra, ocasionada por acréscimo, remoção ou deslocamento dos sons de que ela é composta, Coutinho (1976, p. 143) - com maior representatividade apresentados nos quadrinhos da obra selecionada, em comparação ao Dialeto Caipira (1920), Silva (2010), Faraco (2006) e ALiB (2014). Nota-se a proximidade de alguns vocábulos tidos até então como caipira com muita proximidade com a linguagem oralizada pelos falantes urbanos, levando-nos a pensar em um processo de marcação de oralidade de pessoas que obtiveram acesso aos estudos formais. Provavelmente isso nos remeta ao processo de crescimento da área urbana, ou a chegada das pessoas do campo à cidade em busca de estudos para melhoria na sua moradia de origem (área rural), maior facilidade no acesso aos meios tecnológicos, entre outros adventos da vida contemporânea.

## **1 Personagem estereotipado**

Para compreendermos os motivos que o personagem Chico Bento seja considerado um personagem estereotipado, percorremos o contexto da criação do personagem, por Maurício de Sousa.

### **1.1 Origens do personagem chico bento**

No ano de 1961, enquanto Jânio Quadros, com sete meses de mandato presidencial, renunciava à presidência da República do Brasil, Maurício de Sousa dava vida a um dos

personagens mais citados e queridos nas histórias em quadrinhos brasileira e que viria a se tornar o personagem estereotipado que, possivelmente, iniciava a afirmação de uma nacionalidade brasileira e rural, com o dialeto bem marcado e diferente do restante do país e de outras revistas em quadrinhos que produzira, o popular Chico Bento. Maurício de Sousa, talvez tenha se empenhado em representar o dialeto caipira bem pronunciado no interior do Estado de São Paulo daquele ano.

No livro *Dialeto Caipira*, de Amaral, defende que é

[...] um dialeto bem pronunciado, no território da antiga província de S. Paulo, o nosso falar caipira – bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível – dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influência à própria minoria culta. As mesmas pessoas educadas e bem falantes não se podiam esquivar a essa influência. (AMARAL, 1920, p. 01).

Um personagem fictício que nasceu a partir das observações do cartunista junto ao homem do campo, em uma área muito próxima a Mogi das Cruzes e ao Vale do Paraíba, interior de São Paulo. Chico Bento tem características de morador do interior, com seus costumes, jeitos, crenças e modo de falar que se aproxima da variação caipira, que de acordo com a gramática normativa é uma fala “errada” e vista com preconceito por aqueles que tiveram acesso ao ensino formal.

A história da língua está repleta de expressões que abarcam o preconceito e estereotipam determinada língua em relação à época ou até mesmo a grupos sociais. Há variantes geográficas de uma língua que se sobressaem com essa estereotipação, sendo classificadas como uma escala menor de valor. Para Calvet (2002, p. 59), “A divisão das formas linguísticas em línguas, dialetos e <sup>2</sup>patoás é considerada, de maneira pejorativa, como isomorfa a divisões sociais que por sua vez também se fundam em uma visão pejorativa.”, deixando margem para que seja classificada como incorreta.

Há, conforme Calvet (2002), outro estereotipo que se refere ao modo de “bem falar” (...) que existem sotaques desagradáveis e outros harmoniosos etc, e no sotaque desagradáveis é possível inserir o dialeto/sotaque caipira, que por sua vez é considerado, perante a comunidade letrada, como um dialeto engraçado, errado e por vezes repleto de desarmonia fonético-fonológico.

---

<sup>2</sup> Para o Dicionário Caldas Aulete: 1. Variante linguística francesa, falada ger. por pequenas comunidades rurais. 2. Dialeto de qualquer língua. 3. Linguajar específico de um grupo social ou profissional; JARGÃO.

É do senso comum ouvir que as pessoas sem instrução falam errado, possivelmente isso se deve a uma questão que não é linguística, mas político-social. Pois para pessoas que pertencem a uma classe desprestigiada, como os alguns moradores das áreas rurais que não tiveram acesso aos bancos escolares, o estereotipado caipira, é natural que tenha um dialeto com troca de consoantes como, por exemplo, *compretamente*, *craro*, *pobrema*, *paper*, *cristar* e entre outros, e como resultado disso a língua que essas pessoas do dialeto caipira falam sofre preconceito de que seu dialeto é considerado “feio”, “pobre”, “carente”, “errado”, quando na verdade é apenas uma das variantes da língua que é ensinada na escola por meio da gramática normativa.

À luz da gramática normativa, o Chico Bento não se enquadra como um estudante exemplar, de acordo com os padrões estabelecidos pela escola. Ele não consegue aprender muita coisa formal, mas sabe bem da vida no campo e histórias de causos contados, característicos de pessoas que moram na área rural.

Enquanto criança Chico mora com seus pais na Vila Abobrinha, lugar em que a natureza é presente e que provavelmente retrata o interior do estado de São Paulo em décadas passadas. Possui muitos amigos, inclusive amigos animais, e com eles vivem muitas aventuras como, por exemplo, nadar no lago, roubar goiaba do sítio do Nhô Lau e fazer as peripécias de qualquer criança quando em contato com a natureza abundante em pomares e verdes árvores. Anda, em quase todas as narrativas de pés descalços, só usa calçados quando vai visitar seu primo Zeca que mora na cidade ou algumas vezes quando está frio.

Vergueiro (1985, p. 150) afirma que Chico Bento surge na obra de Maurício de Sousa como menino caipira baseado no Jeca Tatu de Monteiro Lobato, que fala um português típico do interior paulista e suas características são muito próximas ao personagem criado por Monteiro Lobato na década de 1930, um personagem do campo sempre de pés descalços, calças pula-brejo e com o inseparável chapéu de palha. Quanto à comparação feita por alguns pesquisadores relacionados à semelhança entre os personagens, Maurício de Sousa comenta:

Quanto às conclusões dos pesquisadores sobre semelhanças do Chico com o Jeca Tatu, fica por conta desses mesmos pesquisadores. Eu, mesmo, nunca pensei em aproximar as duas imagens. Mas essas conclusões talvez sejam provocadas pela origem dos dois personagens: Chico é uma montagem de características que vi e vivi na minha infância, nas cidades de Mogi da Cruzes e Santa Izabel. Bem na área do Vale do Paraíba. E o Jeca Tatu é um personagem criado pelo Lobato, a partir de observações que ele fazia de roceiros do mesmo Vale do Paraíba. Uma ou outra coisa em termos de hábitos, costumes, uma ou outra coisa em termos de moldura, deve ser semelhante. Mas definitivamente Chico Bento é mais um tio-avô meu, roceiro da região do Taboão (entre Mogi e Santa Isabel), que nem cheguei a conhecer pessoalmente, mas de quem conheci

inúmeras histórias hilariantes, contadas pela minha avó. Era uma espécie de Pedro Malazartes, tanto que aprontava. E tinha um irmão gêmeo, Zé Bento, que no início ignorei, para as histórias em quadrinhos. Posteriormente, quando senti que o Chico Bento precisava de um outro personagem para a geração de situações mais cômicas, fui buscar o tal gêmeo. Que batizei de Zé Lelé. Nas historinhas, ele é apenas um amigo do Chico (22/11/2002, disponível em <http://turmadamonica.uol.com.br/cronicas/o-veio-chico/> e acesso em 6 de abril de 2018, às 15h30min.).

Em relação às comparações pode-se dizer que, os personagens nasceram no Brasil Rural e com atitudes simples e naturais que representam os valores da cultura do homem do campo, devido às fortes evidências em relação aos estereótipos uma se destaca, a natureza que os cercam e o amor aos animais, além da proximidade com o dialeto de uma boa parte de pessoas que ainda vivem na área rural. Chico Bento empenha-se em reescrever a identidade do povo brasileiro do campo, por muitos letrados ainda é visto como um matuto, ou simplesmente um verdadeiro estereótipo de um representante do falar caipira. Como Maurício de Sousa é do interior paulista, é possível que o cartunista tenha colocado no seu personagem muito de suas impressões vividas por lá, provavelmente vem dessas impressões a comparação ao personagem do ilustre Monteiro Lobato.

## 2 *Pavor Espaciar*, de Gustavo Duarte

*Pavor Espaciar* foi produzido por Gustavo Duarte a partir de sua concepção quanto ao personagem fictício caipira para compor o terceiro volume da *Graphic Novel* com o selo Maurício de Sousa Produções – MSP. Gustavo Duarte teve sua ascensão popular no mundo dos quadrinhos em 2009. Nascido na cidade de São Paulo, ainda criança mudou-se com a família para o interior paulista, vivendo sua infância e juventude na cidade de Bauru.

Formado em *Design Gráfico*, o início de sua carreira foi como cartunista e ilustrador no jornal *Diário de Bauru*, permanecendo por dois anos (1997 a 1999), não demorou muito para que o artista começasse a colaborar como cartunista em jornais nacionalmente conhecidos como, *Folha de S. Paulo* e *Lance* e revistas como *Veja*, *Playboy*, *Forbes*, *Vip* entre outras. Pelo trabalho foi premiado diversas vezes, incluindo o cobiçado “Oscar” dos quadrinhos brasileiro, *Troféu HQ Mix*, Gustavo Duarte não parou por aí.

Em 2010, recebe o convite de Sidney Gusman, editor chefe do site *Universo HQ* e

responsável pelo Planejamento Editorial dos estúdios Maurício de Sousa Produções, para participar do *Projeto Graphic MSP* e produzir uma edição com um dos personagens de Maurício de Sousa, na ocasião escolheu Chico Bento, por ser um menino do interior com o qual se identifica muito.

Por meio de entrevista via e-mail, concedida à autora deste trabalho, Gustavo Duarte afirma que se inspirou nas histórias que leu do personagem Chico Bento e na própria infância vivida com seus avós no interior do Estado de São Paulo, pois desenha os personagens de Maurício de Sousa, da maneira como o percebe em uma história que envolve os “causos” contados no meio rural e as aventuras do personagem caipira mais conhecido do Brasil pelos jovens, juntamente com parte de sua turma, mesclando aventura, suspense e muito humor. Duarte mantém os traços clássicos de Chico Bento e seus amigos, a calça pula-brejo, os pés descalços e o inconfundível chapéu de palha, assim como as vestimentas de Zé Lelé e o comportamento dos amigos Torresmo (porco) e Giselda (galinha).

*Pavor Espaciar* proporciona um passeio ao passado com contação de “causo”, o que também acontece na cultura popular oralizada, típico da área rural, que é passado de geração em geração, no caso a narrativa reproduzida na história, retornando ao presente com exemplo de citação por meio da imagem de um dos ícones da música contemporânea, Michael Jackson, e seguindo à pós-modernidade com vocabulário, por exemplo, “surrear”, reproduzido pelo personagem principal, sem deixar de lado o ambiente rural em que a história começa. Nesse sentido, é possível inferir pistas de urbanização, conforme Baronas (2012), há uma diferenciação entre o dialeto caipira dos dias atuais e o de anos anteriores, nos oferecendo pistas de urbanização, com elementos lexicais referentes ao cotidiano urbano. E é perceptível a urbanização devido ao crescimento da cidade, a chegada da tecnologia no campo e melhor acesso à informação.

A narrativa inicia-se com o passeio dos pais de Chico Bento à Tia Janda na cidade e se desenvolve dentro de uma nave espacial onde tudo pode acontecer. Torresmo troca de corpo com o primo Zé Lelé, Jotalhão já preparado com os equipamentos para trocar de corpo com o Chico Bento e a galinha Giselda sempre de costas para o amigo. Seria Giselda um dos alienígenas? Todo esse enredo faz a união das ações de pessoas do campo e dos “causos” contados por moradores dessa região envolvendo até o “cotidiano” com alienígenas.

Duarte escreveu e produziu o livro em quatro meses de trabalho, sabendo combinar as cores e utilizando traços estilizados e precisos, nos remetendo a uma narrativa de maneira envolvente dando-nos a sensação de movimento dos desenhos. Em todo o enredo da narrativa há poucos balões de fala, levando os leitores à imaginação por meio dos coloridos das imagens aos traços

muito bem marcados dos personagens produzidos por meio do olhar de um jovem artista escolarizado e, também reproduzindo, nos poucos balões que há na narrativa, o dialeto caipira comum entre as pessoas ribeirinhas e também a maioria das pessoas que moram no campo que carregam consigo o estereótipo caipira.

Seguindo adiante, abordaremos a Linguística Histórica e os processos de metaplasmo.

### 3 Linguística Histórica X metaplasmos

As primeiras descrições do Português datam do século XIII, dessa época em diante pode-se perceber, por meio da escrita e, principalmente na questão fonético-fonológico, as mudanças ocorridas de maneira diacrônica, às vezes lenta, mas sempre contínua, não deixando de oferecer aos falantes os recursos necessários para a compreensão de significados. Faraco (2006) afirma que, no fluxo do tempo, a língua se transforma, isto é, estruturas e palavras que existiam antes não ocorrem mais ou estão deixando de ocorrer, ou então, ocorre modificadas em sua forma, função e/ou significado.

A percepção de mudança da língua entre os falantes não é explícito por meio do dia a dia, já que na dinamicidade da língua não é possível tal percepção, mas em contato com textos históricos, ou até mesmo com pessoas com mais idade, é possível identificar determinadas mudanças. Uma vez que essas mudanças se dão em parte da língua, conforme afirma Faraco (2006):

[...] as mudanças atingem sempre partes e não o todo da língua, o que significa que a história das línguas se vai fazendo num complexo jogo de mutação e permanência reforçando aquela imagem estática do que dinâmica que os falantes têm de sua língua. (FARACO, 2006, p.15).

Na língua escrita, os documentos são em geral mais “conservadores”, no sentido de inovarem de forma mais lenta, enquanto na língua oralizada/falada existe uma maior dinamicidade e velocidade que na maioria das vezes não acompanha o registro escrito. É notória a “oscilação” entre o oral e o escrito.

A língua, em toda sua complexidade, vem sendo estudada desde os primórdios, por diversos estudiosos, já que é ela um dos fatores decisivos no desenvolvimento sociocultural de um



indivíduo, seja ela falada ou escrita. Diante de diversos estudos, vamos nos abster ao processo dos metaplasmos, que ocorre entre o oral e o escrito na representação do dialeto caipira proposto neste trabalho. Desse modo seguimos com a classificação de metaplasmo localizado nos quadrinhos da *Graphic Novel* estudada.

*Metaplasmo* é a mudança na estrutura fonética de uma palavra, ocasionada por acréscimo, remoção ou deslocamento dos sons de que ela é composta. De acordo com Coutinho (1976, p.143), os metaplasmos podem ser de quatro tipos:

Por troca;

Por acréscimo;

Por supressão;

Por transposição de fonema ou acento tônico.

Vejamos alguns metaplasmos que ocorreram na diacronia da língua que é possível encontrar na representação do dialeto caipira na *Graphic Novel Pavor Espaciar*.

a) metaplasmos por permuta são os que consistem na substituição ou troca de fonema por outro:

*Assimilação* é a aproximação ou perfeita identidade de dois fonemas, resultante da influência que um exerce sobre o outro: ipso > isso. A assimilação pode ser vocálica ou consonantal.

*Vocálica* é a que ocorre quando o fonema assimilado é uma vogal: caente (arc.) < quente > quente (arc.) > quente.

*Regressiva* é a que ocorre quando o fonema assimilador está depois: pedir (< pedire por petere) > pedir, capseu > casseu (< queixo).

b) Metaplasmos por aumento são os que adicionam fonemas à palavra.

*Epêntese* é o acréscimo de fonema no interior da palavra: stella > estrela; humile > humilde; úmeru > ombro.

c) Metaplasmo por subtração – são os que tiram ou diminuem fonemas à palavra.

*Aférese* é a queda de fonema no início da palavra: alambique > lambique; menagem > homenagem.

Há também um caso especial de aférese é a deglutinação, supressão de uma vogal inicial

por confusão com o artigo: horologiu > orologiu > relógio; apotheca > abodega > bodega.

*Síncope* é a subtração de fonema no interior de vocábulo pressão de um segmento sonoro no meio da palavra: legale > leale > leal;

d) Metaplasmos por transposição são os que consistem na deslocação de fonema ou de acento tônico da palavra.

*Metátese* é a transposição de fonema, que se pode verificar na mesma sílaba ou entre sílabas: semper>sempre.

*Hipértese* – é a transposição de fonema, que se pode verificar em sílaba diferente: bicabornato>bicarbonato.

Buscaremos explicitar se tais ocorrências se deram na representação do falar do Chico Bento na *Graphic Novel* analisada e se condizem com as descrições do dialeto caipira, segundo Amaral (1920) e ALiB (2014).

#### 4 Fundamentação teórica

Para a fundamentação teórica deste trabalho, buscou-se alicerce nos pressupostos teóricos da Sociolinguística (Calvet 2002; Gomes e Souza, 2010) e Linguística Histórica (Coutinho, 1976; Silva, 2010; Faraco 2006), dados do ALiB (2014) e Amaral (1920).

Para a parte analítica, foram selecionados e analisados seis (06) vocábulos encontrados na *Graphic Novel Pavor Espaciar* (2013), sobre o caipira, idealizado e roteirizado por um cartunista não linguista que procura descrever não um caipira de raiz, mas sim um caipira mais próximo da urbanização.

Mantendo a nossa percepção de que a língua é viva, e está em constante mudança, podendo ser lenta, mas nunca estática. Nesse sentido Amaral (1981, p. 09), comenta que a capacidade da língua de se renovar, de se regenerar dependerá de um grupo de homens bastante numerosos para manter a integridade da língua.

Diante do exposto, essa integridade é perceptível ainda hoje, século XXI, onde se preserva traços do dialeto caipira assinalado por Amaral no livro *Dialeto Caipira* (1920), citando como exemplo a palavra “*espaciar*” (p.07), como pronuncia típica do dialeto caipira. Silva (2012 apud SILVA NETO, 1963, p. 33) recorda que “nos maiores povoados do litoral os aborígenes

ensaivavam os primeiros passos no aprendizado do português: mas nenhuma palavra pronunciava com *f*, *l* ou *r*". Da mesma informação compartilha a professora Aguilera, em entrevista a TV Globo no ano de 2015, assinala que o "r" é genuinamente do Português Brasileiro – PB, já que a comunicação entre portugueses, africanos e indígenas não havia certa distinção como, por exemplo, na palavra *faRLta* (V\_C\_C– vogal/consoante/consoante), transformando em *faRta* (V\_C – vogal/ consoante), havendo uma dedução de dificuldade de nossos indígenas e mestiços na realização de pronuncia de palavra que obtivesse uma CVC (consoante/vogal/consoante).

Outro exemplo que podemos citar é o infinitivo do verbo "brincar", representado no quadrinho como "*brincá*" (p.08), que possivelmente siga a mesma marca de oralidade produzida por falantes letrados ou não, urbanizados ou não em situação de comunicação em seu cotidiano. Com base na análise do metaplasmo (Coutinho 1976; Silva 2010), se incluiria como uma apócope – queda de um fonema no fim da palavra, pois há uma redução do verbo no infinitivo. Já para Amaral (1920) não é possível inferir que seria uma apócope, pois

As palavras terminadas em *aí, el, il.* freqüentemente aparecem apocopadas: *má, só, jorná=mal, sol, jornal*. Não inferir daí que houve queda de *l*. Esse *l* mudou-se primeiro em *r*, e depois caiu este fonema, de acordo com uma das leis mais rígidas, e mais facilmente verificáveis, da fonética dialetal. (AMARAL, 1920, p.06).

Assim, é relevante deduzir que houve uma redução consonantal, também conhecida popularmente como a lei do menor esforço na linguagem oralizada e não uma ocorrência de lambdacismo.

Prosseguimos para as análises dos vocábulos efetivamente selecionados.

## 5 Análise

Conforme já mencionado, para as análises selecionamos seis (06) vocábulos que permeiam as QFF do ALiB (2014), com traços da base teórica de Amadeu Amaral (1920) e processo de metaplasmo comentado por Coutinho (1976), Silva (2010) e sutilmente por Faraco (2006).

Iniciamos com a palavra "*caxa*"(p.34) - (V\_C – vogal/consoante), que no ponto de análise do metaplasmo, segundo Coutinho (1976) e Silva (2010), ocorreu uma síncope, sendo queda da

vogal “i” no interior do vocábulo “*caixa* (V\_V- vogal/vogal) ~ *caxa* (V\_C – vogal/consoante)”. Dessa maneira, são palavras que se assemelham a respostas encontradas por pergunta feita no *Atlas Linguístico do Brasil – AliB* -, vol 1 (2014), neste caso referente a Questões Fonético-Fonológico de nº 5, que assinala a marca de oralidade na resposta da questão, tida como senso comum na oralidade das pessoas, letradas ou não. Aproximando ao processo da possível urbanização, havendo uma imersão de um vocábulo, antes considerado como caipira, na comunicação do não caipira, dos ditos letrados e urbanizados.

Observa-se que muitos dos registros da diacronia estão presentes na oralidade da língua portuguesa dos brasileiros, sendo falantes caipiras ou não, o que exprimi a importância de não descartar a gramática histórica do português. Seguindo com as análises, exemplificaremos parte dessa influência diacrônica.

Em análise ao vocábulo “deiz”(p.08) selecionado nos quadrinhos da obra em estudo, nos deparamos com a resposta da QFF nº 64, do ALiB (2014), “dez”, ocorrendo, conforme Coutinho e Silva, o processo metaplasmo por aumento, a epêntese, que é a inserção de uma vogal, no caso do vocábulo analisado é a vogal “i”, no interior da palavra < dez -V\_C ~ deiz -V\_V\_C > ocorrendo uma ditongação da oxítone, conforme comenta Amaral (1920, p.06), “quando seguidas de ciciante (s ou z), no final dos vocábulos, se ditongam pela geração de um i: *rapáiz, méis, péis, nós, láiz*”. Fato que comumente ocorre na oralidade do cotidiano dos falantes urbanos, escolarizados ou não.

Outro vocábulo em destaque é o vocábulo “vrido” (p.05). Os falantes com pouca ou nenhuma escolaridade, possivelmente, possam reproduzir o som do vocábulo com a transposição da consoante “r”. Desta forma, há uma linha tênue entre a resposta encontrada na QFF nº 73 no ALiB (2014) e análise do vocábulo do quadrinho, sendo que no ALiB houve a grafia, que perante a gramática normativa, é considerada correta. Diante das análises do processo evolutivo do metaplasmo, conforme Coutinho e Silva ocorreu uma hipérese - transposição de um fonema em sílaba diferente “r” < vrido C\_C, em sílabas diferentes ~ vrido C\_C, em sílabas iguais). Seria interessante frisar que o vocábulo em questão é uma tentativa de reproduzir a representatividade do dialeto caipira que busca explicitar Amaral (1920). Pessoas idosas com baixa ou nenhuma escolaridade ainda têm propensão de pronúncia desta maneira, remetendo-se ao dialeto caipira analisado em 1920 no interior de São Paulo.

Seguindo nas análises, observamos o vocábulo “brigado” (p.05), na perda do “o” no início da palavra. Amaral em “*Dialeto Caipira*” (1920), assim como Coutinho (1976) e Silva (2010), classificam a perda do “o” como uma aférese – queda de letra no início da palavra - < obrigado V ~ brigado C >, resposta presente na QFF nº 79 do ALiB (2014). Vocábulo que também não distancia da oralidade de falantes urbanizados, mantendo a lei do menor esforço durante

reprodução da fala.

Abordando ainda a oralidade, é comum a narração em causos típicos do campo, sempre com relatos de muito mistério, suspense e humor aos visitantes e habitantes do meio rural, como uma tradição cultural que é passada de geração em geração. Após a contação do “causo”, geralmente vem seguida da inevitável pergunta “É mentira?”. Podemos perceber que a escrita no quadrinho (p.73) vem da mesma forma que acontece na oralidade “mentira”. Para Amaral (1920, p. 06),

Quanto às átonas: Nas *sílabas pretônicas*, alteram-se mais, como se verá das seguintes notas: (...) *b*) Medial, muda-se frequentemente em *i* (*tisôra*, *Tiodoro*, *piqueno*), sobretudo se **há outro i** na sílaba seguinte: *pirigo*, *dilicado*, *minino*, *atrivido*, *intiligente*, *pidi(r)*, *midí(r)*, *pitiço* (assimilação regressiva). (AMARAL,1920, p. 06).

Depois de mais de cinco décadas é possível confirmar a assimilação vocálica regressiva na teoria do metaplasmo de Coutinho (1976) e, caminhando mais de nove décadas foi reafirmada por Silva (2010) <mentira V\_C ~ mentira V\_C >. Resposta da QFF nº 106, do ALiB (2014).

Para finalizar as análises dos vocábulos selecionados, encontramos o vocábulo “drumindo” (p.09). O que nos remete a analogia à mesma análise de “vrido”, pois possivelmente são pessoas com baixa ou nenhuma escolaridade que pronunciam desta forma, e pessoas com maior idade cronológica que tem internalizada uma língua de época passada. Não que essas pessoas falam de maneira errada, mas foi como os foram ensinados durante sua vida.

Mediante a análise, verifica-se uma proximidade na resposta encontrada na QFF nº 148 no ALiB (2014), havendo nos quadrinhos a transposição do fonema “r” na mesma sílaba. Conforme Coutinho (1976) e Silva (2010), ocorreu uma *metátese*, que é a transposição de fonema, que se pode verificar na mesma sílaba ou entre sílabas, no caso o fonema “r” <dormindo C\_V ~ drumindo V\_C>. Ainda assim, nota-se que além da transposição do fonema “r”, houve a assimilação da vogal “o” pela vogal “u”. Amaral (1920, p.6), comenta que a assimilação do “o” por “u” foi manifestado em Portugal a partir do século XVIII, nos possibilitando a inferência de que é um ato comum na oralidade desde séculos remotos.

## Considerações finais

Constatamos que os quadrinhos da *Graphic Novel Pavor Espaciar* representam marcas do chamado dialeto caipira manifestando as transformações diacrônica ocorridas na língua portuguesa brasileira desde sua origem, mas que por outra perspectiva há traços de urbanização explícita em vocábulos que possivelmente não se utilizaria no genuíno dialeto caipira, podendo ser utilizado na representação do personagem devido as influências tecnológicas com forte evidência no século XXI, como energia elétrica, internet, TV a cabo, celulares modernos, entre outros fatores que contribuem para melhor acesso de boa vivência e conforto no campo ou até mesmo pela maior possibilidade de acesso aos bancos escolares.

Foi observado também a interação de convivência social demonstrada na narrativa da obra analisada e a real convivência de pessoas que habitam a área rural. Ora mantendo a tradição como, por exemplo, o ambiente em que se passam as cenas, o próprio “causo” narrado que é típico de área rural, e o dialeto marcado como representante do caipira, ora inovando com elementos contemporâneos.

Inferimos que o personagem Chico Bento, estereotipado como caipira, nos conduz às marcas de oralidade presente na comunicação oralizada dos habitantes dos grandes centros, não sendo uso exclusivo de pessoas que vivem no interior, ou área rural, como seriam rotulados em épocas passadas. Deixando pistas de que o dialeto caipira pesquisado por Amaral em 1920 ainda tem raízes arraigadas no português contemporâneo, apresentando que a língua não é homogênea e nem estática e que nem sempre o errado é erro, já que houve época em que o que foi considerado certo hoje pode ser considerado errado perante a gramática normativa. Há a heterogeneidade em toda e qualquer comunidade linguística.

## Referências

- ALTINO, Fabiane Cristina (Org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012.
- AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira*. Editora LL Library. E-book. Agosto, 2013[1920].
- AMARAL, Maria de Lourdes de. *O Dialeto Caipira*. 4.ed. São Paulo: Editora de Humanismo. 1981.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ed. Ao Livro técnico, 1976.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

GOMES, Christina Abreu. SOUZA, Claudia Nívia Roncarati de. Variáveis fonológicas. In: MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza Braga (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2010

SILVA, José Pereira. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: edição do autor, 2010.

SILVA, Hélien Cristina da Silva. O /r/ Retroflexo no Triângulo Mineiro: um estudo geossociolinguístico. In: ALTINO, Fabiane Cristina (Org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012.

*Recebido em 05/10/2019  
e aprovado em 22/11/2019.*